

AMÉRICA DE GALEANO: NOSSA AMÉRICA

Profa. Ms. Márcia Horácio Barbosa (UFMT)

Esta comunicação é um exercício pessoal de não esquecer aquele, que entre tantos outros, apresentou a América Latina sobre o ponto de vista do latino americano. Parece uma repetição de termos, mas a América Latina tem muitos pontos de vista. Dentro de cada fronteira, uma história de luta, resistência, convivência e superação. Aquele é o escritor uruguaio Eduardo Galeano, o porta-voz da história não oficial do continente, que infelizmente morreu em 13 de abril deste ano. Menos um para falar sobre o que somente nós, latinos americanos, sabemos o que significa de fato... Menos um a nos ensinar sobre nossa gente, nossos heróis reais, que não usam capas ou roupas coloridas. Muito menos possuem poderes ou armas especiais. Histórias de pessoas comuns, que ao resistirem, reescreveram a história de muitos.

Galeano era jornalista por profissão e escritor, por necessidade. Necessidade que ele explica na obra *Días y noches de amor y de guerra* (1983, p. 112) quando afirma que escreve para confrontar a história contada pelos vencedores em relação àqueles que testemunharam a mesma história. Para Galeano é necessário recontar fatos e histórias para podermos seguir com a consciência de quem sabe para onde está indo e não simplesmente sendo levado ao sabor do vento.

Sartre (2006) declara que para poder definir o termo literatura é necessário considerar as seguintes perguntas: *Que é escrever? Por que se escreve? Para quem se escreve.* Para cada uma dessas questões o pensador francês apresenta uma possível resposta. À primeira, Sartre declara que escrever requer do escritor engajamento integral ao assunto que pretende tratar em sua narrativa. O autor não pode considerar-se apenas um observador que narra os fatos que expõe. É preciso entregar-se ao tema.

Quanto ao questionamento *Por que se escreve?* Sartre fala sobre a necessidade que temos de estarmos inseridos no mundo enquanto indivíduos atuantes e participativos em um processo claro de integração com o leitor. Essa cumplicidade entre autor e leitor constitui-se um movimento: o simples passar de páginas sucessivamente durante a leitura garante ao leitor a sensação de estar junto e antever as ações futuras da narrativa. Existe uma diferença entre o que o autor escreve e o que o leitor lê. O escritor projeta sua produção ao vazio, pois não tem mais controle nem efeito sobre ela. Quem assume o comando agora é o leitor que poderá inferir sentidos e significados ao que já foi escrito. Além de poder ampliar, com sua história de vida e de leitura, outros tantos universos linguísticos e simbólicos que possam estar na narrativa e desvendar os silêncios, os sentidos implícitos distribuídos pelo autor:

Assim, o autor escreve para se dirigir à liberdade dos leitores, e a solicita para fazer existir a sua obra. Mas não se limita a isso e exige também que eles retribuam essa confiança nele depositada, que reconheçam a liberdade criadora do autor e a solicitem, por sua vez,

através de um apelo simétrico e inverso. Aqui aparece então o outro paradoxo dialético da leitura: quanto mais experimentamos a nossa liberdade, mais reconhecemos a do outro; quanto mais ele exige de nós, mais exigimos dele. (SARTRE, 2006, pag.43)

Ainda sobre a questão *Por que se escreve?* Sartre reconhece que por mais que haja a intenção criadora de promover a reflexão sobre as mais diversas questões sejam elas de ordem política, social ou de comportamento, essa não pode ser uma postura definitiva. Pois, segundo o pensador, o regime democrático precisa estabelecer-se permanentemente para garantir essa relação de dialética e caso isso não seja possível, é chegada a hora não mais de palavras e meios significados, mas verdadeiramente recorrer às armas: “escrever é uma certa maneira de desejar a liberdade; tendo começado, de bom grado ou à força você estará engajado”, (SARTRE, 2006, pag. 53).

Essa atitude de trocar os meios de provocar reflexões entre o ato de escrever e agir, serve como proposta para o questionamento: *Para quem se escreve?* Para Sartre o escritor escreve a seus contemporâneos, a seus compatriotas, a seus irmãos de raça ou de classe:

Escritura e leitura são as duas faces de um mesmo fato histórico, e a liberdade à qual o escritor nos incita não é pura consciência abstrata de ser livre. A liberdade não é, propriamente falando; ela se conquista numa situação histórica; cada livro propõe uma libertação concreta a partir de uma alienação particular (...) todo um mundo em que o autor e o leitor têm em comum. É esse mundo bem conhecido que o autor anima e impregna com sua liberdade, e é a partir dele que o leitor deve realizar a sua libertação concreta; ele é a alienação, a situação, a história, é ele que deve recuperar e assumir, é ele que deve mudar ou conservar, para mim e para os outros, (SARTRE, 2006, pag. 57-58).

Galeano foi testemunha do período histórico das ditaduras militares latino americanas, do seu início nos anos 60; ao auge da repressão estatal, com as mais variadas técnicas de intimidação e silenciamento. Militante e beneficiado com a lei de anistia que antecipou a restauração da democracia como forma de governo oficial após os anos oitenta. Testemunha que primeiro narrou as ações com os outros. Depois, ele mesmo passou a ser caçado pelo Esquadrão da Morte por suas convicções e ideologias políticas. Foi apontado como “inimigo estado”. Fugiu do Uruguai, passou pela Argentina, Chile, Guatemala e Brasil. Em cada lugar, uma história, um testemunho, um aprendizado.

A contemporaneidade precisa que Galeano e seus textos sejam difundidos em novos espaços sociais, além da intelectualidade, além das academias. O próprio Galeano diz que estamos perdendo um tempo enorme para entender o momento presente. Segundo ele, o importante é pensar no futuro como algo melhor que o passado e para isso, sugere o recurso da memorização dos fatos que muitos não querem lembrar, pois causam dor e geram sentimentos de frustração.

A escolha por Galeano, portanto, se deve única e exclusivamente à habilidade do artesanato textual que mistura lirismo, humor e ironia para metaforizar um cenário de violência, abuso e arbitrariedade do Estado. Essa mistura – de um lado o discurso ideológico instituído pela forma, e do outro, a recepção e efeito que causa esse discurso

em pessoas comuns, em cidadãos simples – é o que realmente fascina. A subjetividade em torno de si mesmo é o que pode despertar o interesse nesse escritor: Galeano fala de todos nós, falando de si mesmo.

A memória é recorrente nos textos do escritor. Assume que seleciona o que lhe vale a pena e escreve metaforicamente sobre sentimentos e pessoas. Como afirmou Halbwachs (2006) “ninguém lembra sozinho”.

Resgatar nomes que são emblemáticos para a memória da América Latina é outro recurso amplamente utilizado por Galeano: Roque Dalton (El Salvador 1935-1975), Guimarães Rosa (Brasil, 1908-1967), Juan Rulfo (México, 1917-1986), Alejo Carpentier (Cuba, 1908-1980), entre tanto outros. Cada qual faz parte desta colcha de retalhos que unidos compõem a tão sonhada América de todos nós.

A narrativa *Días y noches de amor y de guerra* (1995), por exemplo, faz referências diretas a escritores identificados com a expressão de liberdade, considerada pelo regime autoritário da época como sendo nociva ou inadequada. A seguir alguns exemplos:

[Roque Dalton] Roque era un disparate vivo que no paraba nunca. Está corriendo ahora, en mi memoria. ¿Cómo hizo para atraparlo la muerte, (GALEANO, 1995, pag. 113);

[Guimarães Rosa] A Guimarães Rosa, una gitana le había advertido: “Vas a morir cuando realices tu mayor ambición”. Cosa rara: con tantos dioses y demonios que este hombre contenía, era un caballero de lo más formal, (GALEANO, 1995, pag. 115);

[Juan Rulfo] Juan Rulfo dijo lo que tenía que decir en pocas páginas, puro hueso y carne sin grasa, y después guardó silencio, (GALEANO, 1995, pag. 123);

[Alejo Carpentier] A don Alejo Carpentier no lo conozco. Alguna vez tendré que verlo. Tengo que decirle: - Mire, don Alejo, yo creo que usted nunca ha de haber oído hablar del Mingo Ferreira. El es un compatriota mío que dibuja con gracia y con drama. Me acompañó durante años en las sucesivas aventuras de los diarios, las revistas y los libros. Trabajó a mi lado, (GALEANO, 1995, pag. 116).

Os personagens de Galeano são reais e se constituem a partir de suas próprias falas, sejam elas ditas diretamente ao autor, ou recolhidas por ele através de outros personagens também reais. Galeano nomeia cada um dos companheiros e companheiras de jornada, em busca da liberdade de expressão tão característica no universo jornalístico.

Enfrentou a crítica com a autocrítica e admitiu que muitas afirmações contidas no livro *Veias Abertas da América Latina* (1976) mereciam ser reescritas. Mas sempre consideraremos o momento em que foi escrito, o momento em que uma voz uruguaia contou-nos nossa origem, apresentou-nos inimigos e traidores. Nos fez desejar ser “Apenas um rapaz latino americano”, como na canção de Belchior de 1976.

Música de protesto como as que foram entoadas por Victor Jara (1932-1973, Chile), Mercedes Sosa (1935-2009, Argentina) e Chico Buarque de Holanda (1944,

Brasil). Um momento em que o continente inteiro fervilhava de reivindicações, e os textos eram transformados em manifestos. Canções que diziam “*Traigo un pueblo en mi voz*”, (1973), *Cáliz* (1978), *El pueblo unido jamás será vencido*, (1973). Momento histórico que fomos efetivamente um continente único, sofrendo as mesmas ações militares e paramilitares, os mesmo julgamentos sem juízes. Testemunhamos mortes e perseguições mesmo estando sob bandeiras de diferentes cores.

Galeano narra de forma fragmentada essa experiência representando assim o próprio momento histórico que também poderíamos afirmar era fragmentado: o poder se alternava, a instabilidade civil crescia, o medo se instaurava. O personagem Galeano percorre o Uruguai, Argentina, Guatemala, Cuba e Brasil e em cada um desses espaços vai construindo suas memórias junto com essas, as memórias de outros. Vozes surgem sem rostos, rostos desfigurados ou simplesmente nunca mais vistos, e ainda muitos rostos desconhecidos, mas conectados à mesma ação estatal: a violência.

Por muitas vezes o personagem-autor sequer garante ter experimentado de fato uma determinada situação – ele afirma isso em vários momentos da narrativa – mas como as ações dos governos ditatoriais eram iguais, às vezes até mesmo coordenadas, o fato de estar presente ou ouvir falar não interfere nos sentimentos de reconstituição das lembranças referentes ao período; nem tão pouco necessita de legitimidade. Ou seja, em *Días y noches*, o personagem-autor narra as ações e as reações da estrutura violenta do estado autoritário, sejam elas vividas por ele ou não, e as ressignifica, reescreve. A história oficial é questionada e as versões subjetivas podem reescrevê-la agora baseadas em outros personagens e referências: ambas presentes nas memórias de Eduardo Galeano.

A memória refere-se à ideia de tempo passado, segundo Sarlo (2007), e esse tempo está dividido com a história. Dividido e contraditório:

Nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade), (SARLO, 2007, pag. 9).

A epígrafe do livro *Espejos* (2008) traz o seguinte texto: “Os espelhos estão cheios de gente. Os invisíveis nos veem. Os esquecidos nos lembram. Quando vemos, eles veem. Quando nós vamos, eles vão?”:

Este libro ha sido escrito para que no se vayan. En estas páginas se unen el pasado y el presente. Renacen los muertos, los anónimos tienen nombre: los hombres que alzaron los palacios y los templos de sus amos; las mujeres, ignoradas por quienes ignoran los que temen; el sur y el oriente del mundo, despreciados por quienes desprecian lo que ignoran; los muchos mundos que el mundo contiene y esconde; los pensadores y los sentidores; los curiosos, condenados por preguntar, y los rebeldes y los perdedores y los locos lindos que han sido y son la sal de la tierra.

A memória de muitos na memória de um só que representa a muitos. A Ditadura, governo de um só, aniquilando, assassinando, calando a muitos. O que resta depois? Lembranças, marcas, traumas, perguntas sem respostas. Quanto vale esse momento? O que se consegue com os processos contra esse momento? Não há como

mensurar esse período. Nenhum valor seria suficiente, mas o silêncio e a indiferença são perturbadores, impessoais. Parecem às vezes apenas significar um período histórico vivido. Mas existe a possibilidade de se recontar a história, de se revelar nomes, enaltecer vítimas e corrigir injustiças. Talvez assim, possamos seguir adiante, quebrantados, marcados, mas confiantes que valeu a pena, pois a liberdade venceu a opressão institucional de poucos em detrimentos de muitos que comemoram hoje, e não conhecem os responsáveis por esta festa chamada Democracia.

Segundo Denis (2002) a literatura torna-se engajada quando une o texto literário à problematização de questões sociais. Assim o escritor engajado é aquele que assume explicitamente um compromisso social sem preocupar-se com reputação. Tem por objetivo, propor uma direção, uma reflexão sobre algo que pode precisa ser discutido pela sociedade.

Contudo, na última eleição presidencial realizada no Brasil, vimos com grande temor registros pessoais e compartilhados por milhões – sem exagero – milhões de pessoas que pediram, sugeriram, e até exigiram a volta dos militares. Houve passeata, discurso e candidatos dispostos a assumir a nossa governança.

Tais manifestações alastraram-se pela *web* durante toda campanha eleitoral. Não há como negar que a rede de computadores tornou-se uma ferramenta importantíssima para a sociedade do nosso tempo. Surgem doenças relacionadas ao seu uso ou mal uso. Enfim, percebemos que é um espaço poderoso de extensão imprevisível para manifestação. A tela do computador e o teclado garantem anonimatos e as declarações não exigiam efetivamente uma fonte de legitimação.

Será que aquela reivindicação tem a ver com o desconhecimento do que foi a ditadura militar? Será que faltam depoimentos, testemunhos, evidências das práticas estatais para manter a ordem em nome da segurança nacional? A presidente legítima e democraticamente eleita Dilma Rousseff, declarou recentemente em uma solenidade, preferir o som das manifestações ao silêncio imposto do regime de exceção. Ela mesma uma testemunha do terror das ações militares quando foi torturada durante interrogatórios a que foi submetida. Sugestivo esta mulher presidente, ex-militante da guerrilha armada em defesa de ideologias socialistas, ser também a responsável pela instauração da Comissão da Verdade (2011), responsável por reunir documentos a fim de esclarecer uma história brasileira com tantas versões. Nomear golpe de estado, ditadura, em substituição ao eufemismo regime militar.

Nossa Comissão trouxe de volta nomes solitários como Zuzu Angel (1921-1976), Rubens Paiva (1929-1971), Vladimir Herzog (1937-1975), e suas histórias vividas e as que deixaram de viver, presenciar.

Naqueles tempos, mesmo com todo o terror vigente, capuzes, sequestros, desaparecimentos, humilhações, mutilações arrumava-se um jeito de falar, denunciar... Fosse com a música, com o jornal, com o livro. Vozes que falavam por e para milhões de outras vozes. Quem não entoou *Caminhando e cantando e seguindo a canção. Somos todos iguais, armados ou não...* de Geraldo Vandré (1968)?

Em nossos dias a intelectualidade parece silenciada e silenciosa. Mesmo tendo um grupo enorme de artistas, músicos, atores, escritores, não houve uma ação coletiva para coibir a ação de ódio e preconceito que lotaram a *web* brasileira nos últimos meses em relação aos nordestinos, por exemplo. A palavra manifesto é coisa do passado. Coisa

de revolucionário... E ficamos em silêncio brigando com ou outro. Ou simplesmente, ficamos inertes, chocados, mas inertes.

Humberto Eco, filósofo, escritor, crítico literário e romancista, hoje com 83 anos, em entrevista a Eduardo Wolf declarou que “na internet, o imbecil pode opinar sobre tudo o que não entende”. Não foi uma declaração para ofender aos usuários das redes sociais, mas um alerta importante. Para Eco, a escola deveria ensinar a como usar a internet para aprender a analisar a informação. Em contrapartida, outros meios de comunicação em massa como os jornais, por exemplo, deveriam dedicar parte de sua edição para esclarecer aos leitores sobre o que é fato e o que é fraude, em lugar de reproduzir quase que as mesmas notícias vinculadas pela web. Os jovens de 15 e 16 anos, segundo Eco, não possuem formação crítica e conhecimentos suficientes para fazerem essa depuração das inúmeras informações que recebem por meio de computadores.

Eduardo Galeano morreu em abril de 2015. Gabriel García Márquez, em abril de 2014. Não teremos como desvendar nossas Macondos. Não haverá mais aqueles casos tão familiares e tão nossos. A América de Galeano continua sendo a nossa América, mas falta-nos lirismo e ironia. Falta-nos uma voz. Falta-nos a voz latino americana de Eduardo Galeano.

O autor de *Veias Abertas da América Latina*, *Mulheres*, *Nascimentos*, *Los hijos de los días*, *Días y noches de amor y de guerra*, *A canção de nossa gente*, *O livro dos abraços*, e tantos outros contou-nos muitas histórias. Nossas histórias não oficiais. Nos apresentou a angústia e o lirismo diante das nossas próprias adversidades. Em uma entrevista de rádio, logo após o seu exílio, retornando ao Uruguai, Galeano dizia que ninguém deveria dizer-se herói ou covarde com o evento da ditadura militar pois, para ele todos nós somos ditadores em nossas relações: queremos prender quem amamos para que não ame mais ninguém:

¿Cuántas veces he sido un dictador? ¿Cuántas veces un inquisidor, un censor, un carcelero? ¿Cuántas veces he prohibido, a quienes más quería, la libertad y la palabra? ¿De cuántas personas me he sentido dueño? ¿A cuántas he condenado porque cometieron el delito de no ser yo? ¿No es la propiedad privada de las personas más repugnante que la propiedad de las cosas? ¿A cuánta gente usé, yo que me creía tan al margen de la sociedad de consumo? ¿No he deseado o celebrado, secretamente, la derrota de otros, yo que en voz alta me cagaba en el valor del éxito? ¿Quién no reproduce, dentro de sí, al mundo que lo genera? ¿Quién está a salvo de confundir a su hermano con un rival y a la mujer que ama con la propia sombra? (GALEANO, 1995:205)

A importância da produção literária de Galeano, assim como o de tantos outros escritores latino-americanos, pode inspirar novas gerações a continuar o descobrimento do nosso continente. A partir da leitura de um único livro, a possibilidade de conhecer a nossa América e assumir o pensamento que José Martí (Cuba, 1853-1895) citou em um discurso pela independência de Cuba “A liberdade custa muito caro e temos ou de nos resignarmos a viver sem ela ou de nos decidirmos a pagar o seu preço”.

Referências Bibliográficas

DENIS, Benôit. Literatura e engajamento: de pascal a Sartre. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 15-54.

GALEANO, Eduardo. Días y noches de amor y de guerra. Bogotá: TM Editores, 1995, 222p.

___ As veias abertas da América Latina. 22ed. Buenos Aires: Pehuén Editores, 2006, 363p.

___ Espejos: una historia casi universal. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008, 339p.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006, p. 29-157.

SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras (UFMG), 2007, 129p.

SARTRE, Jean-Paul. Que é a literatura? Trad. Carlos Felipe Moises. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2006, 231p.

ROSSI, Paolo. El pasado, la memoria, el olvido. Buenos Aires: Nueva Vision, 2003, 240p.